

Fotos de João Paulo Engelbrech



Pesquisadores perguntaram aos estudantes da PUC quais os três principais valores da juventude hoje, e bom caráter, patriotismo, coerência, credibilidade e obediência às leis receberam poucos votos

Dinheiro vale mais que bom caráter

DOC 090

■ Pesquisa feita na PUC-Rio revela que estudantes prezam mais os 'valores materiais', deixando de lado a felicidade

JOÃO CARLOS LEAL

Qual é o valor mais elevado: ter bom caráter ou muito dinheiro? Para um aluno da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), é ter bom caráter, sem dúvida alguma. Mas, apenas para um solitário estudante. Outros 386 alunos da universidade mais charmosa do Rio votaram no dinheiro, sem pestanejar. O resultado apareceu meio que por acaso durante uma fase de testes de uma pesquisa maior voltada para decidir nos próximos três anos a construção do juízo moral de jovens pertencentes às sociedades emergentes (leia-se Barra da Tijuca), produzida pelo Departamento de Educação da PUC.

Durante o teste, iniciado no começo do ano passado, mas que ainda está na fase de cruzamento das respostas e produzindo conclusões, questionários foram entregues aos mais de 10 mil estudantes da universidade durante a matrícula. Num folha, os pesquisadores pediram aos alunos que apontassem os três principais valores da juventude hoje — destacando que, por valor, devia ser entendido “aquilo que nor-aleia o modo de viver de uma pessoa e pelo qual ela luta”. A pergunta deixava a resposta em aberto. Valia qualquer coisa. Pouco mais de mil estudantes devolveram a folha. Deu

Relação de valores

1 - Dinheiro	386 votos
2 - Emprego	186 votos
3 - Família	165 votos
4 - Amizade	122 votos
5 - Liberdade	120 votos
6 - Felicidade	116 votos
7 - Diversão	112 votos
8 - Amor	95 votos
9 - Status	87 votos
10 - Patriotismo	1 voto

dinheiro em primeiro, seguido de ter emprego, com 186 votos.

Patriotismo — Na outra ponta, entre os valores que foram citados por apenas solitários alunos da PUC estão, por exemplo: a retidão, o patriotismo, a coerência, a credibilidade, a obediência às leis. A pesquisa mostrou que outros ideais parecem fazer mais a cabeça dos universitários que — antes, por puro preconceito, e agora, por estatística — já eram considerados um tanto fúteis. Entre eles, a diversão (112), a beleza física (82 votos), a aparência pessoal (48), os prazeres da vida (45), o consumismo (32), o poder (29) e o egoísmo (14) se destacam. A própria futilidade é assumida e até bem votada: 22 votos.

Os estudantes da PUC, é claro, citaram valores, digamos, mais uni-

versais. A amizade (122), a honestidade (79), a educação (69), a justiça (50), a dignidade (36) e sinceridade (25) estão bem situadas na pesquisa. Mas é curioso contrapor os votos dados a conceitos opostos. Enquanto o altruísmo, por exemplo, recebia modestos três votos, a ambição era citada por 43 estudantes. Os valores materiais, escolhidos por 59 alunos, deram uma surra nos valores morais, apontados por apenas 16.

Para a coordenadora geral da pesquisa, a professora Maria Aparecida Mamede Neves, 64 anos, o levantamento estaria numa etapa ainda muito preliminar para servir como retrato dos valores que importam ao estudante da PUC. Ainda não foram cruzados os votos por idade, por bairro e área de estudo. Os valores individualistas, por uma análise preliminar, estariam concentrados nos estudantes já próximos de se formar, enquanto os mais jovens seriam mais idealistas.

“Eles (os alunos) são tão mais telúricos quanto mais jovens. Os próximos de se formar são muito influenciados pelo medo de não conquistar um espaço no mercado de trabalho”, explica a professora, diante da maior ênfase dada pelos estudantes aos valores materiais. “A família, a amizade e a felicidade também foram muito bem votadas”, tenta contemporizar.



Circulando no pilotis, as alunas do curso de Desenho Industrial acharam ridícula a opção

Preferência causa espanto

Sexta-feira, 16h, pilotis do prédio Kennedy, Gávea. Espalhados, em pequenos grupos, ora jogando conversa fora, ora cartas, os estudantes da PUC, interrompidos pelo JORNAL DO BRASIL, tomaram um susto ao saber o que outros estudantes, da mesma universidade, elegeram como o mais importante valor da juventude. Outros, porque eles, juram, não responderam assim. “Dinheiro?!”; espantou-se o estudante de psicologia Lucas de Oliveira Machado, 18 anos, para logo depois emendar: “é bem típico”.

A resposta, um tanto enigmática em princípio, é justificável. Vindo de Friburgo, filho de um aposenta-

do que trabalha como taxista, Lucas consome em estudos, cerca de R\$ 690 por mês da apertada renda da família. Ainda assim, se fosse alvo da pesquisa, garante, escolheria a amizade como o valor mais importante. O que, acredita, os colegas de *campus* não valorizem tanto. “Isso aqui é um desfile de moda, nos pilotis, e de carros, no estacionamento”, conta.

“Os pais desses alunos dão tanta importância ao dinheiro que eles acabam tendo a grana como um valor em si”, acredita Gisela Lima dos Santos, 21 anos, outra aluna, também de psicologia. Um grupo próximo de estudantes de Desenho Indus-

trial, faz coro. Assustados com o resultado, eles reagem com indignação. “Isso é ridículo”, exclama um. “Não é possível”, acrescenta outro. Mas, logo depois, riem: “Isso é bem a PUC”.

Ácidos em relação aos próprios colegas, os estudantes partem para uma série de críticas. “Quem respondeu assim, confunde realização com enriquecimento”, diz Maria Laet, 18 anos. “Eu acho que para eles, construir família, uma vida, está ligado a ter dinheiro”, analisa Paulo Rodrigues de Carvalho, 18 anos. “Tem gente sem escrúpulos, mesmo”, afirma Joana Escobar, 20 anos.

Saara se moderniza para resgatar passado

LEA AGOSTINHO

A região do Saara, que de deserto não tem nada, é a mais tradicional de comércio popular no Rio e guarda quase dois séculos de história. Para preservar esse acervo, os comerciantes — árabes e judeus, em sua maioria — criaram o Projeto Saara, que pretende restaurar as fachadas dos prédios e informatizar os 1,2 mil estabelecimentos comerciais, substituindo as velhas caixas registradoras por computadores.

Com a liberação da verba de R\$ 10 milhões do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), na última quinta-feira, os comerciantes começam a festejar: cada um vai receber um limite de crédito de até R\$ 100 mil. “Esse é o início da recuperação de todo o Saara. Serão reformados 506 prédios dentro do Corredor Cultural e outros 70 nas proximidades. É a concretização de um sonho antigo”, disse o comerciante Gilberto Machado, responsável pelo projeto.

Idealizados, desde 1997, os planos são mais do que ambiciosos. “Queremos construir um Portal Cultural na Avenida Presidente Vargas, além de um terminal rodoviário, teatro, estacionamento. A idéia é fazer do Saara um ponto turístico”, adianta Ênio Bittencourt, presidente da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, que dá nome a região tão co-



nhecida dos cariocas, o Saara.

Empréstimo — Além do empréstimo do BNDES, que até o final do ano vai liberar mais R\$ 10 milhões, Luís Riche, um dos coordenadores do Projeto Saara, revela que já foram feitas parcerias com mais de 50 empresas para revitalizar o comércio. “Além disso, vamos fazer uma campanha publicitária na TV em junho e, em julho, lançar o cartão de crédito Saara”, adianta.

“A nossa intenção é dar uma estrutura de shopping center, mas o Saara vai continuar a ser um centro histórico. Queremos que as luminárias sejam iguais as do início do século”, sonha Luís Riche. Para incluir o local no roteiro turístico da cidade, os comerciantes pretendem organi-

zar até shows de odaliscas.

Primeira-dama — Já houve um tempo que somente os bons preços e a variedade dos produtos eram suficientes para atrair até gente do poder. “A primeira-dama Darcy Vargas vinha fazer compras na nossa loja para a Casa do Pequeno Jornaleiro. Ela comprava botões, linhas e tecido para os uniformes dos meninos”, lembra Demétrio Habib, um dos fundadores do Saara, que há 60 anos está à frente de uma das lojas de brinquedos mais tradicionais da cidade, a Gabriel Habib. Ele também se recorda do dia em que Juscelino Kubitschek foi até a loja J.K. de roupas masculinas de propriedade de Jorge Kalach. “Isso foi em 1945. Ele veio inaugurar a loja”, conta. Já Carlos Lacerda era um frequentador assíduo do local. “Ele gostava de comida árabe. Vinha sempre ao restaurante Du-nil, que ficava em frente à igreja de São Jorge.”

Consumo — A produtora de moda Luciana Santiago, de 21 anos, também faz a festa quando vai ao Saara. “Compro lá por ser mais barato.” Na última incursão, ela comprou dois relógios por R\$ 5 cada. “São muitos vendedores. Vou parando em cada barraca e acabo comprando mais do que devia”, diz Luciana, que já comprou para casa um par de tênis *made in Saara*. “O que eu levei era falsificado mesmo.”



A restauração dos prédios está devolvendo ao Saara o perfil que tinha no começo do século

Ruas com história para contar

A geografia do Saara, que começa na Rua Primeiro de Março e termina na Praça da República, é uma peça importante da história do Rio. Em 1892, era possível encontrar nessa rua os primeiros fogões e aquecedores a gás. Foi num balcão de uma de suas lojas que Francisco Manuel da Silva, então caixeiro viajante, compôs o Hino Nacional. O roteiro desse grande mercado continua na Rua Senhor dos Passos, localizada entre a Rua Uruguiana e a Praça da República. Em 1843, com a construção da Capela Senhor dos Passos, a rua recebeu este nome. Nela, foi realizada, em 1967, uma manifestação pela

paz entre Israel e os países árabes.

Quem percorrer o meandros desse shopping horizontal passará certamente pela Rua Buenos Aires, que começa na Rua Primeiro de Março e também termina na Praça da República. Recebeu vários nomes, até que, em 1915, foi batizada com o nome atual. Tem ainda a Rua dos Andradas, que começa no Largo de São Francisco e vai até a Rua Júlia Lopes de Almeida. Seu nome é uma homenagem aos três Andradas: José Bonifácio e seus irmãos.

A Avenida Passos também figura no mapa do Saara, embora não seja tão agitada comercialmente como as outras. Começa na Praça Ti-

radentes e termina na Avenida Marechal Floriano. Foi batizada pelo nome de Rua da Lampadosa, depois Rua do Erário e Rua do Sacramento. Situada entre a Praça Tenedores e a Rua da Alfândega, a Rua Gonçalves Lêdo, nome que homenageia um dos líderes do movimento para a Independência do Brasil.

Completam o diagrama oficial do Saara as ruas Regeneração, João Tomé de Souza, República Libano (famosa pelas lojas de materiais eletrônicos), e da Alfândega, onde, em 1643, foi fundada a capela Nossa Senhora do Socorro, ocupada pelos franceses em 1652.

Câmara gasta milhões sem licitação

■ Tribunal de Contas do Município vai apurar processo de contratação emergencial de gráfica e empresa de limpeza

CLAUDIA LIMA

A exceção virou regra. Na Câmara Municipal, as empresas que hoje detêm os contratos terceirizados mais caros da Casa não passaram por licitação: foram contratadas em caráter emergencial. O artifício usado pela Mesa Diretora virou alvo Tribunal de Contas do Município, que pediu diligência nos processos de contratação das firmas prestadoras de serviço de impressão do Diário Oficial do Município (DCM) e de limpeza e conservação da Casa. Juntas, as duas empresas consomem mais de R\$ 5 milhões por ano.

Responsável por um orçamento de R\$ 129 milhões, a maior parte gasta com pessoal, a Mesa Diretora da Câmara tem sido descuidada com os recursos públicos que administra. Além de burocratizar os processos de licitação, não cumpre as exigências do TCM nos prazos. Com isso, se vê obrigada a contratar emergencialmente serviços terceirizados, e paga mais caro por isso.

É o caso do contrato firmado com a Gráfica MEC Editora Ltda, agora responsável pela im-

pressão dos DCMs desde outubro do ano passado, que já custou R\$ 656 mil pelo trabalho de 75 dias. “A cifra é gritantemente desproporcional ao valor cobrado pela Imprensa Oficial do Estado”, diz o conselheiro do Tribunal de Contas, Maurício Azêdo, em seu relatório sobre o processo. A Imprensa Oficial cobrou R\$ 850 mil pela publicação no período de janeiro a agosto do ano passado, o que corresponde a mais de 200 dias. Por dia, a Câmara paga hoje 205% mais caro - R\$ 8.746 contra R\$ 4.250 por dia.

Dívida - Intimada a esclarecer essas distorções desde 17 de fevereiro, a Câmara não enviou resposta ao Tribunal de Contas até hoje e ainda lançou edital para realizar nova licitação, dia 18 - suspensão sem explicações no próprio dia. A atual Mesa Diretora, presidida pelo vereador Gerson Bergher (PFL) e com Romualdo Boaventura (PMDB) como primeiro-secretário, assumiu em janeiro de 1998 e herdou uma dívida de R\$ 3,1 milhões com a Imprensa Oficial do Estado, acumulada desde o segundo semestre de 1996.

Contrato - Em dezembro

de 98, o estado propôs baixar o preço em 20% e negociar a dívida, mas nada foi assinado. A atual Mesa manteve o calote e, quando a dívida atingiu R\$ 5,7 milhões, decidiu contratar emergencialmente a gráfica MEC, alegando risco de suspensão dos serviços. “A Câmara agiu à margem da legalidade e se expôs ao risco óbvio”, atesta Azêdo em seu relatório.

O segundo contrato sob diligência foi fechado com a Lipa Serviços Gerais Ltda, firma de limpeza de propriedade de Maria Zélia Nascimento - mulher do secretário estadual de Defesa Civil afastado sob investigação, coronel Paulo Gomes. A Câmara não renovou o contrato com a empresa anterior, Lido Empreendimentos Industriais e Serviços Ltda, sob alegação de que os R\$ 117 mil mensais cobrados pela firma estariam acima dos valores de mercado. Em janeiro de 2000, contratou a Lipa por R\$ 1.420 a mais. O edital de licitação foi suspenso depois que o TCM questionou a inclusão de mão de obra de dois jardineiros para cuidar de vasos de plantas comprados pela Mesa Diretora.



Fotos de André Lobo

A contratação de jardineiros para cuidar dos vasos de plantas da Câmara esbarrou no Tribunal

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Aos dezessete dias do mês de janeiro do ano de dois mil, na sede do Poder Legislativo do Município do Rio de Janeiro, situada na Praça Floriano, s/nº, nesta cidade, compareceram, de um lado, a **CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**, inscrita no CGC(CNPJ) sob o nº 30.467.039/0001-84, adiante chamada, simplesmente, “**CÂMARA**” e representada por seu Presidente em exercício, Vereador **ALEXANDRE CERRUTI**; e, de outro lado, a firma **LIPA SERVIÇOS GERAIS LTDA.**, estabelecida na Rua Capitão Telles nº 101, Mesquita, Nova Iguaçu, inscrita no CGC(CNPJ) sob o nº 33.392.275/0001-77, adiante chamada, simplesmente, “**CONTRATADA**” e neste ato representada por sua Diretora-Presidente, **MARIA ZÉLIA DA SILVA NASCIMENTO**, brasileira,

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Aos quinze dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e noventa e nove, a **CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**, doravante simplesmente designada **CONTRATANTE**, neste ato representada por seu Presidente em exercício, Vereador **Alexandre Cerruti** e a **GRÁFICA MEC EDITORA LTDA**, inscrita no CGC/MF sob o n.º 42.459.891/0001-99, com sede à Rua Visconde de Santa Isabel, 420, Vila Isabel, Rio de Janeiro, doravante designada simplesmente **CONTRATADA**, neste ato representada por seu sócio gerente **Alberto Ahmed**, brasileiro, casado, comerciante, CIC n.º 126.822.097-34 CI n.º 2.489.859-IFP, domiciliado e residente nesta cidade, na Rua Marechal Joffe, n.º 42, São Carlos, apresentaram a seguinte proposta para a contratação de serviços de limpeza e conservação da Câmara Municipal, com prazo de dois anos e avaliada em R\$ 4,2 milhões, estava prevista para o dia 25 de novembro de 1999.

ENTREVISTA/MAURÍCIO AZÊDO

‘Contratações generalizadas’

A Câmara adiou a licitação para escolha da gráfica que vai editar o DCM. Essa decisão vai permitir a renovação do contrato de emergência?

- Meu voto foi para que a Câmara envie, imediatamente, as informações pedidas em fevereiro por diligência do tribunal, para evitar a repetição dessa prática de prorrogar contratos firmados sem licitação. O corpo técnico do tribunal manteve contato com o da Câmara para tornar possível a análise do edital no prazo e a Câmara resolve, no dia marcado, suspender o processo, sem esclarecimentos.

Em que casos a lei permite contratos emergenciais?

- De modo geral, o contrato de emergência é usado se há risco de interrupção com dano para o serviço público. Mas é exceção, não regra, e por isso deve ser provisória. Hoje, a prática

dessas contratações tem sido generalizada. Na prefeitura, os contratos para fornecimento de gêneros alimentícios são renovados a quatro anos, sem licitação. É uma anomalia.

Qual é o prazo exigido pelo TCM para responder os questionamentos?

O tribunal tem poder de fixar prazos para diligências, que são de 30 dias com direito a prorrogação. Creio que o atraso decorre do empenho do tribunal em adotar postura pedagógica, e não repressiva. Mas essa ação tem conduzido a distorções e muitos órgãos levam meses para atender às exigências. Isso vai exigir do tribunal uma atitude mais firme no exercício de seu poder de sanção.

O senhor identificou alguma suspeita de irregularidade no edital para contratação da nova gráfica?

- Me chamou a atenção a exigência do tamanho 35 cm por 29 cm, quando já foi adotado um plano internacional de padronizar os jornais tablóide em 32 cm por 29 cm. As empresas de serviços gráficos já se adaptaram às novas regras, e essa exigência do edital pode estar promovendo previamente uma exclusão de empresas.

- Um dos editais foi publicado no Jornal Metro Car, na mesma edição na qual foram publicadas duas matérias sobre o vereador Romualdo Boaventura e um anúncio de seu programa de rádio. Há indícios de irregularidade nesse procedimento?

- Pedimos diligência e não posso antecipar um parecer sobre isso. No mínimo, a publicação do edital em um veículo periódico não diário demonstra uma liberalidade com os recursos públicos.

Mistério na publicação de errata

As decisões da Mesa Diretora têm lá seus mistérios. Como manda a lei, a Câmara publicou a errata do aviso de licitação em um jornal de grande circulação, no dia 8 de maio. Mas publicou também o mesmo edital no pequeno Jornal Metrô Car, uma publicação distribuída gratuitamente nas estações, sem periodicidade definida. A escolha se torna mais curiosa por um detalhe: na mesma edição, foram publicadas duas matérias, com foto, do vereador Romualdo Boaventura, que ocupa o cargo de primeiro-secretário e é

responsável por todas as despesas da Câmara.

Na página três do tablóide, Romualdo assina uma coluna intitulada “Emprego para a Terceira Idade”, na qual escreve sobre seus projetos de lei. No alto da página sete, o vereador aparece em primeiro plano numa foto da solenidade de comemoração dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, na Câmara Municipal. O nome do parlamentar aparece ainda no anúncio do programa Reflexão, da Rádio Carioca, do qual é apresentador. A errata, publicada

na página seguinte, custou R\$ 1.760, R\$ 160 mais caro que a publicação da tomada de preços, em edição anterior.

Procurado pelo JORNAL DO BRASIL, Romualdo Boaventura não retornou as ligações e recusou-se a atender a equipe na Câmara Municipal. O primeiro-secretário pediu aos seguranças que não deixassem fotografar as dependências da sede da Câmara, o Palácio Pedro Ernesto - particularmente a entrada lateral, onde estão enfileirados os vasos de plantas.

NA MIRA DO TCM

■ A licitação para serviços de limpeza e conservação da Câmara Municipal, com prazo de dois anos e avaliada em R\$ 4,2 milhões, estava prevista para o dia 25 de novembro de 1999.

■ Interrogada pelo Tribunal de Contas do Município em setembro passado, a Câmara não respondeu e

contratou em caráter emergencial, por 90 dias, a empresa de limpeza e conservação Lipa Serviços Gerais Ltda, que cobrou R\$ 1.420 a mais.

■ Depois de deixar de pagar a Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro pela publicação dos diários oficiais, com uma dívida acumulada de R\$ 5,7 milhões, a

Câmara Municipal contratou sem licitação a Gráfica MEC, no mês de outubro de 1999.

■ A mudança encareceu o Diário Oficial do Município em 205%: o custo do jornal por dia saltou de R\$ 4.253 para R\$ 8.752. A nova licitação, prevista para quinta-feira passada, acabou sendo suspensa.

Afastado coordenador de esportes do Cetep

A presidência da Fundação de Apoio às Escolas Técnicas (Faetec), órgão que gerencia o Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante (Cetep) da Zona Suburbana, abriu ontem uma sindicância para apurar a responsabilidade dos funcionários envolvidos no caso de M., 12 anos, que teria sido molestada sexualmente pelo professor de natação J.G. Também será investigada a omissão do coordenador de esportes do Cetep, F., que teria conhecido a atitude de J. e nada fez.

J. foi reintegrado ao Colégio Estadual, já que é funcionário federal, e estava cedido, em caráter temporário, ao Cetep. F. foi afastado das funções. Além disso, a presidente da Faetec, Carolina Azevedo prometeu providências rigorosas, caso se comprovou nada,

mas será tudo investigado. Caso seja encontrado indício de irregularidade na sindicância, abriremos inquérito administrativo”, declarou, adiantando que será analisada a denúncia feita ao Ministério Público Estadual.

Azevedo acusou o coordenador de esportes de omissão no caso. “Ele recebeu a denúncia e não deu a devida importância. Não notificou a direção nem investigou”, afirmou, justificando o afastamento do funcionário do cargo. F., que coordenava as aulas de oito mil alunos, de todas as faixas etárias, no complexo esportivo do Cetep, em Quintino, negou que fosse conivente com o professor de natação. “Sou muito cristão. Jamais consentiria isso dele ou de qualquer outra pessoa”, disse.

Ele contou que J. lhe havia dito que esbarrou sem querer

com a mão nas nádegas da menina quando foi buscar material na sala onde ela estava. J. disse que imediatamente pediu desculpas a ela. Com isto, F. deu o caso por encerrado, não encaminhando o mesmo para a direção do Cetep. “Cuido de oito mil alunos, não posso levar cada coisinha para a direção, se não não teria ingerência nenhuma”, disse, defendendo sua atitude.

O ex-coordenador acha que seu nome apareceu envolvido na denúncia em razão de uma outra professora, que queria tomar seu cargo. “Não ganho nenhum centavo pela coordenação, nenhuma gratificação. Se ela quer ficar com meu cargo, que fique. Não quero é passar como uma pessoa conivente. Sou um educador e isso é uma grande injustiça. Quero a minha dignidade”, afirmou.

BUSCAS

Traineira está desaparecida

Uma traineira com sete tripulantes está desaparecida desde a manhã de quinta-feira. De acordo com o coronel Marcos Silva, do Grupamento Marítimo, a embarcação seguia para Cabo Frio e o mar estava muito agitado. Os tripulantes são pescadores da Região dos Lagos. A Capitania dos Portos acredita que o barco está à deriva.

ACIDENTE

Três feridos em Marechal Hermes

Um acidente envolvendo uma caminhonete S10 e um ônibus da linha 624, na Rua Xavier Curado, em Marechal Hermes, deixou três pessoas feridas. Adilson Teixeira Marques, de 19 anos, foi levado para o Hospital Getúlio Vargas em estado grave. Os outros dois, que tiveram ferimentos leves, foram encaminhados ao Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes.

FREDDY CHARLES HENRI GASTON VON DER WEID

Missa de 7º Dia

Regina, Bety, Jean Marc, Jean Pierre, Roger, Bernard e respectivas famílias agradecem as manifestações de carinho recebidas por ocasião do falecimento de seu marido, pai, sogro e avô, e convidam para a Missa a ser celebrada no dia 22 de maio, segunda-feira, às 11:30 horas no Mosteiro de São Bento.

TABELA DE PREÇOS PARA AVISOS RELIGIOSOS E FÚNEBRES

		RS	RS
LARGURA	ALTURA	DIAS ÚTEIS	DOMINGOS
4,6 cm	3 cm	183,00	267,00
4,6 cm	4 cm	244,00	356,00
4,6 cm	5 cm	305,00	445,00
9,6 cm	3 cm	366,00	534,00
9,6 cm	4 cm	488,00	712,00
9,6 cm	5 cm	610,00	890,00
9,6 cm	6 cm	732,00	1.068,00
9,6 cm	7 cm	854,00	1.246,00
9,6 cm	8 cm	976,00	1.424,00
14,6 cm	4 cm	732,00	1.068,00
14,6 cm	5 cm	915,00	1.335,00
14,6 cm	6 cm	1.098,00	1.602,00

DEMAIS FORMATOS, CONSULTE-NOS 574-4540/574-4320

JORNAL DO BRASIL